

HOMENAGEM

Axé, Mãe Hilda!

Os 74 anos de vida e 54 de sacerdócio de Mãe Hilda, do Ilê Axé Jitolu, são comemorados com uma exposição, o lançamento de um livro autobiográfico e um show no Forte de Santo Antônio.

Leda Albemaz

A Bahia de todas as cores e nações vai se reunir hoje, a partir das 19 horas, no Ilê Axé Jitolu (Ladeira do Curuzu, 233, Liberdade) para saudar a Mãe Preta do Curuzu. A ialorixá Hilda Dias dos Santos, 74 anos de existência e 54 de sacerdócio, estará lançando o livro autobiográfico *Mãe Hilda — A História da Minha Vida*, no qual conta a sua trajetória existencial, desde a iniciação religiosa, nos anos 40, à luta pessoal para criar os cinco filhos e, ao mesmo tempo, estruturar o seu terreiro, no Curuzu (Liberdade), até suas ações sociais a partir dos anos 70, que incluem a criação do Ilê Ayê (1974); as oferendas a Babá Zumbi dos Palmares, na Serra da Barriga; em 1980; a Escola Mãe Hilda, a Banda Eré e o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Ayê.

No livro, que foi transmitido através de entrevistas e depoimentos gravados para a professora da Uneb Ana Célia da Silva (filha-de-santo da ialorixá), Mãe Hilda registra, entre outros fatos, a sua origem espiritual, na casa de nação gêge, Salvata Cacuana de Iaiá, de Mãe Tança, que ficava na Sussuarana. "O terreno foi desapropriado para a construção do Centro Administrativo da Bahia", lembra a mãe-de-santo.

Mãe Hilda nasceu na Quinta

das Beatas, atual bairro de Cosme de Farias, em Brotas, e foi para o Curuzu com os pais, ainda menina, em 1930. Ali tornou-se ialorixá, assumindo a missão para a qual fora destinada desde o nascimento. Casou, teve seis filhos, dos quais uma faleceu, e tem oito netos.

Filha de Obaluáé, Mãe Hilda orgulha-se de seu protetor ("é um orixá que balança todo mundo") e demonstra uma fé inquebrantável em Deus e na força dos orixás, mas defende o esforço pessoal na superação das dificuldades que a vida oferece. "O destino, a sorte é como uma planta, se a gente cuida e cultivar, se esforçando e enfrentando tudo o que vem pra gente com fé, vai vencer, vai crescer e pode até brotar outros frutos".

CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

"Recebi o cargo que me foi designado com serenidade e cuidei e continuo cuidando dos meus filhos carnis e dos meus filhos espirituais com a ajuda de Deus e do meu orixá", depõe. Para a ialorixá, o lançamento do livro é a concretização de um sonho acalentado durante muitos anos, assim como foi a criação da Escola Mãe Hilda, que funciona há mais de oito anos.

"Conseguí concretizar primeiro a escola, que sempre imaginei fazer para os filhos das minhas filhas-de-santo e para toda a comunidade do Curuzu. Agora estou lançando o livro, que, como tudo que acontece



Mãe Hilda iniciou-se na casa de nação jeje de Mãe Tança

na nossa vida, só vem na hora certa", observa Mãe Hilda, que confessa estar vivendo a expectativa de uma grande emoção com a festa do lançamento da obra.

A professora Ana Célia, que organizou o livro com a também professora Maria de Lourdes Siqueira, afirma que o que mais chama a atenção na obra, além da crônica da experiência de vida da mãe espiritual do Ilê Ayê, é a extrema fé da ialorixá e o exemplo dado por ela, de como a mulher negra, mesmo sem as mínimas condições, pode chegar até onde ela chegou, somando conquistas importantíssimas para a sua comunidade.

"Ela foi a primeira mãe-de-santo a subir a Serra da Barriga para fazer oferendas a Zumbi, em 1980, e sobre esta passagem o livro traz uma foto histórica, retratando Mãe Hilda subindo a serra no lombo de um burrico e tendo ao lado Abdias Nascimento", conta a professora.

Sobre o apoio dado ao filho, Antônio Carlos Vovó, na criação do bloco afro Ilê Ayê, em 1974, a mãe afirma que cultural na Bahia e se propôs a fazer um trabalho voltado para restabelecer a autoestima e a identidade negra, a ialorixá se coloca como o eixo natural de sustentação da arrojada iniciativa. "Nossa mãe é a terra, de onde tudo cresce. Eu como mãe dele (Vovó) foi quem ajudou, dando forças e colocando energia nas raízes, para que dessa "terra" pudesse brotar a entidade (o Ilê)".

Mãe Preta do Curuzu, cantada em numerosos versos pelos compositores do bloco, a ialorixá é a personagem principal na cerimônia de saída do Ilê Ayê, a cada Carnaval.

"Cumprimos nossa obrigação com todo o respeito, e, apesar do Ilê ser um dos primeiros blocos a afirmar o orgulho da raça negra, nunca sofremos qualquer resistência e desfilamos em paz todos os carna-

vais, sem brigas ou confusões", testemunha.

Além do lançamento do livro faz parte da programação da *Semana Mãe Preta*, evento realizado em sua homenagem, e que inclui, este ano, uma exposição com fotografias, leilões, livros e quadros que constituem o acervo cultural do "mais belo dos belos", que aconteceu até amanhã, no Liberdade Center (Rua Lima e Silva, 40) e o ensaio especial para a Mãe Preta, com a Banda Ayê, no Forte Santo Antônio, também amanhã, a partir das 21 horas.

Mãe Hilda — A História da Minha Vida foi editado pela Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), com apoio financeiro da Câmara Municipal. Tem capa do artista plástico J. Cunha, programador visual do Ilê Ayê.



Ficha Técnica

O quê: Livro, Mãe Hilda — A História da Minha Vida

De quem: Mãe Hilda

Onde: Ilê Axé Jitolu (Ladeira do Curuzu, Liberdade)

Quando: hoje, a partir das 19 horas

Preço: R\$10,00

EXPOSIÇÃO

Salve a ararinha

Artistas plásticos se unem e abrem exposição hoje, no MAM, cuja renda será revertida para o projeto de preservação da ararinha-azul.

Josélia Aguiar*

Uma ave em extinção, um antigo teatro do interior baiano e uma cidade de 10 mil habitantes, a cerca de 600km de Salvador. Artistas plásticos baianos, paulistas e um goiano se juntaram em torno dessas três ideias e criaram obras que estarão à venda, por um preço simbólico, em exposição inédita no Museu de Arte Moderna da Bahia, a partir de hoje, às 21 horas. A mostra, intitulada A Arte Pela Natureza, fica em cartaz até 20 de outubro.

Toda a renda será destinada ao projeto de preservação da ararinha-azul — espécie brasileira ameaçada de extinção. Dela só resta um exemplar selvagem, que vive em Curuçá, no interior do estado. Em cativeiro, existem mais 40 aves, distribuídas pelo Brasil, Espanha, Suíça e Filipinas. O projeto se concentra no estudo, na reprodução e na conservação do habitat da ave e no envolvimento da comunidade da região para salvar a espécie — é com esse propósito que o projeto quer restaurar o Teatro Raul Coelho, localizado naquela cidade, e transformá-lo num centro de cultura ambiental. Os recursos obtidos com a venda das obras serão aplicados nas obras do local.

Depois de recuperado, o Teatro Raul Coelho realizará diversas

atividades artísticas e educativas, com ênfase na questão ambiental. Quem explica é o biólogo cariense Marcos Da Ré que, desde 1991, coordena o projeto em Curuçá. A cada ano, pelo menos cinco mil pessoas, principalmente crianças e adolescentes, serão beneficiadas. "Há 100 anos, em pleno sertão, um grupo de pessoas se organizou para construir um teatro. Ao mesmo tempo, havia nas matas uma população de ararinhas-azuis, vivendo em liberdade. Hoje, restam um teatro, quase em ruínas, e a ave, resumida a um último exemplar", diz Da Ré. "A perda dos valores ligados à cultura e à natureza fez com que se chegasse a essa realidade", acrescenta.

Ao todo, participam da mostra 27 baianos, oito paulistas e um goiano. Siron Franco, que aderiu à causa assim que soube da mostra. As obras serão vendidas por meio do chamado leilão de parede. Cada peça custa R\$500,00. Quem quiser adquirir uma das telas, anotará seu nome na lista e o valor que está disposto a pagar. Ao final da exposição, quem fizer a maior oferta levará a obra. O público estará, assim, adquirindo obras de artistas consagrados por um preço razoável e, ao mesmo tempo, contribuindo para uma causa ecológica.

TRIÂNGULO AMOROSO

Conhecida cientificamente co-

mo *cyanospitta spixii*, a ave foi descoberta em 1819, durante expedição de naturalistas alemães ao Nordeste brasileiro. Até meados dos anos 80 não se teve mais notícia da espécie, a não ser pelos exemplares que chegavam à civilização por meio do comércio ilegal. O ornitólogo suíço Paulo Roth, radicado no Maranhão, conseguiu, em 1986, reencontrar a ave em Curuçá. Só restavam três

exemplares. Pouco tempo depois, chegou-se a imaginar que a espécie havia sido extinta. Em 1990, uma expedição organizada pelo biólogo Francisco Pontual e pelo fotógrafo Luís Cláudio Marigo localizou o último exemplar selvagem. No ano seguinte, o Ibama criou o Comitê Permanente para a Recuperação da Ararinha-Azul, que foi integrado por cientistas, entidades e criadores nacionais e interna-

cionais. O projeto conta com apoio da Fundação Loro Parker, do Ibama, da Ashoka, da WWF, da Fundação O Botânico e do Instituto Herbert Levy.

Quando o Projeto Ararinha-Azul surgiu, havia apenas 17 aves em cativeiro. Hoje, já são 40. Em Curuçá, uma equipe está empenhada em cruzar o macho selvagem com uma fêmea que vivia em cativeiro, mas foi preparada para se readaptar à natureza. Uma terceira ave, curiosamente, está com-

minante é verde e também ameaçada de extinção. Para facilitar o encontro entre as duas ararinhas, Da Ré explica que se tentará afastar a maracanã. Se, mesmo assim, o casal não for se formar, a equipe tentará colocar no ninho da maracanã ovos de ararinhas-azuis em cativeiro. A maracanã será, assim, "mãe" adotiva dos filhotes.

Da Ré diz que o futuro da ararinha-azul está atado ao destino do sertão e dos sertanejos. Cerca de 100 famílias da região colaboram com o projeto, por meio de um sistema de monitoramento espontâneo e preciso. "Eles são os principais informantes sobre os deslocamentos das aves, também os maiores responsáveis pela sua defesa contra os traficantes". Por causa disso, os moradores do lugar foram apelidados de "vaqueiros da ararinha". "Da mesma forma que os homens hoje estão se mobilizando para preservar a ararinha, a espécie possibilitará o reencontro do homem com sua cultura", afirma o biólogo.

*Josélia Aguiar é assessora do MAM



Ararinha-azul, espécie brasileira ameaçada de extinção



Teatro Raul Coelho, em Curuçá

pletando esse triângulo amoroso nas margens do Rio São Francisco. Como ficou muito tempo sozinho, o macho acabou se aproximando de uma maracanã — outra espécie de arara, cuja cor predo-

Participantes

Bahia — Bel Borba, Beth Souza, Caetano Dias, Carlos Bastos, Celuque, Cesar Romero, Chico Liberato, Danielle Steel, Emina, Fernando Coelho, Flórida Oliveira, F. Macêdo, Guache Marques, Gelu, Lula Martins, Luís Eduardo, Luís Varanda, Márcia Abreu, Paulo Pereira, Sérgio Rabinovitz, Maria Adair, Tati Moreno, Vaulzeu Bezerra, Washington Falcão, Yedamaría, Zau Pimentel, Zélia Nascimento.

Goiás — Siron Franco

São Paulo — Aldemir Martins, Alice Nakarawa Matuck, Fábio Lima Freire, Flávia Stocco, Ricardo Valery S ubens Matuck, Norma Ginspun.